

ANGOLA E METROPOLE & BANCO DE PORTUGAL

NO REGIME DOS GRUPOS E GRUPINHOS!

Não há falta de notas officiosas nem excesso de querelas que consigam emudecer-nos—Sem recearmos as emanações fétidas do corpo social em decomposição, continuaremos a escarpelá-lo
Os que hoje pretendem encobrir o mal apontavam-o há 2 anos
Enquanto uns burlões estão presos outros, para salvar as aparências, têm homenagem na cidade

Há dois dias que *A Batalha* se mantém silenciosa sobre o escândalo das «notas». Natural é que alguns porquê tenham sido formulados pelos que, concordes ou discordes, tenham acompanhado a rude campanha escarpeladora em que nos lançámos. Presupor-se há que, seguindo os ditames do vulgo de que «o silêncio é de ouro», ou por falta das celebradas notas officiosas do não menos celebrado juiz investigador, ou ainda pelo receio de que outra querela venha juntar-se às onze que sobre nós impendem, nos recolhemos a um mudo e cómodo mas comprometedor?

Nada disso. *A Batalha*, órgão do proletariado, porta-voz do Povo—do povo que trabalha e que é a única vítima de todas as falcaturas, do povo cuja camisa já voou em tiras e cuja pele quasi lhe vai deixando os ossos a nu—*A Batalha* não tem que quedar-se silenciosa ante um cadáver que o seu escarpelo retalhou e do qual não receia as emanações pestilentas. A sua imunidade está assegurada pela força que a preside; a sua pureza é garantida pela honestidade dum legião de escravos de mãos callosas mas de consciência limpa, mãos que jamais mergulharam nos sanguinolentos cofres públicos, consciência que nunca se ostentou em tablado à espera de preço.

Esse ouro que compra silêncios e paga campanhas, essa lama fétida que escorre pelas colunas mercenárias de algumas gazetas não faz curso por aqui. Nem sequer os nossos dizeres são estampados sobre papel-moeda marca Angola e Metrópole-Banco de Portugal.

Também *A Batalha* não sente, como jamais sentiu, a falta das notas officiosas do dr. Alves Ferreira, notas mentirosas ou apagadas, mil vezes mais falsas do que aquelas que as originaram.

Que as investigações prosseguem... sim, nós já sabemos que elas prosseguem ocultas aos profanos. São investigações familiares, de trazer por casa...

Que os Inocências e os Motas Gomes estão inocentes... Também já nos fartámos de o ouvir proclamar, a pesar-de as paredes terem ouvidos e transmitirem ao exterior as palavras acaloradas do interrogatório desses homens do Banco de Portugal, desses «inocências» protótipo da honra, super-honestos, arqui-honrados!

No que respeita a querelas, *A Batalha* nada teme. Mais querela, menos querela, que importa? Preferiríamos que nos demonstrassem que errámos o alvo quando disparámos as flechas da nossa crítica sobre os «inocências», os super-honrados do Banco de Portugal. Não queremos assim, paciência, prepondera a mentira, querela-se a verdade!

Os dois dias de silêncio, pois—de esperanças, talvez, para uns e de impaciência para outros—serviram unicamente um fim: arrejamo-nos, refrescamos-nos um pouco.

Entretanto, a pesar-de nunca termos pedido a prisão nem para os burlões do Angola e Metrópole, nem para os seus irmãos do Banco «insuspeitos», constatámos já de que enquanto uns ainda estão incommunicáveis, os outros passaram a um regime de homenagem na cidade.

O destino é vingativo... e a carta que o dr. Pinto de Magalhães enviou ao seu colega e sucessor Alves Ferreira e que por sinal ficou apenas ao processo—é sintomática.

O que representa esta situação que foi dada ao Inocência Camacho e a Mota Gomes, as intimações que lhe são dirigidas para interrogatórios acalorados? Isso não equivale a estarem presos com homenagem?

Se não é uma prisão material é, pelo menos a prisão moral!

Sim, a carta do juiz Pinto de Magalhães é sintomática...

E o povo, por mais poeira que lhe lancem nos olhos, está acordado e vê!

Afinal o descalabro do Banco de Portugal não é coisa nova...

Vai para três meses, quando *A Batalha* publicou em suplemento o discurso que o

dr. sr. Amâncio de Alpoim proferiu no Parlamento, de ataque à administração do Banco de Portugal, muita gente pasmou ante as irregularidades denunciadas por aquele parlamentar e o arrojo das suas afirmações.

Nesse momento afirmámos nós nada mais pretendemos com a publicação do célebre discurso do que fotografar as afirmações graves desse homem que não forma na nossa barricada e que além de todas as mais qualidades tem para nós a particularíssima qualidade de estar à frente da segunda casa de crédito do Estado. E—nunca é demais lembrá-lo—dissemos também que nem sombra do compromisso nos ligava ao autor de esse formidável libelo. Ele estava no seu tempo, nos ficávamos no nosso.

Ficávamos e estamos, muito embora o dr. sr. Alves Ferreira tenha insinuado ao nosso director, quando o intimou a ir à sua presença, que mãos estranhas nos moviam a pena.

Agora, como então, afirmaremos: *A Batalha*, que se não envergonha de dizer-se jornal de pequenos recursos, não fala por encomenda, nem encomenda escritos. Sua missão é apontar ao povo o sítio onde se acolta o mal que o tortura. Para tanto, e para arcar com as responsabilidades, ainda nos chega a inteligência.

Pois o discurso do dr. sr. Alpoim—o sensacional discurso—estaria muito longe de merecer, como peça elucidativa, a admiração que à sua volta se fez, se o eco do que no Parlamento se passa melhor chegasse cá fora. Como peça oratória sim, já o dissemos, ele marcou pelo arrojo, pelo desassombro de bradar em alta voz aquilo que já fora proferido, em outra emergência e por quem agora discorda, em voz baixa... para que as galerias não ouvissem.

Aviva-se a memória a alguns políticos esquecidos

Isto de se afirmar que o Banco Emissor lança de vez em quando papel-moeda falso no mercado não é caso esporádico.

Consulte-se o *Diário da Câmara dos Deputados* de 26 de Outubro de 1923.

Nesse dia debatia-se no Parlamento a situação do Banco de Portugal na questão das cambiais. Cunha Leal, esse emérito lunábulo da política, declarava parecer-lhe ter ouvido o presidente do ministério e ministro do Interior ter afirmado que havia necessidade de regular a situação financeira do Estado, mas que não devia discutir-se, porque era inconveniente para os interesses da República.

António Marang da Silva, que outro não era o presidente do Ministério e ministro do Interior de então, confiando a pena de que agora se divorciou, interrompendo, afirmou:—Eu não disse isso. O que eu acho inconveniente é que sem se apresentar remédio para o mal se esteja continuamente a gritar: Moeda falsa; moeda falsa!

Assim respondia o actual presidente do ministério, o chefe supremo das investigações ao «caso das notas», à sinistra figura de Cunha Leal—o autor da proposta de revivência da pena de morte, funambulo-mór da política, o homem que depois de acolmar de desvergonhado todo aquele que aceitasse a nomeação de delegado do governo junto de qualquer Banco, por olhar à sua mulher e aos seus filhos, abichou o lugar de vice-governador do Banco Ultramarino, lugar de que agora finge prescindir.

Quere-se mais claro?

António Marang da Silva, confessou, em 1923, a existência do mal de moeda falsa emitida pelo Banco dos homens super-honestos!

António Marang da Silva, apavorado, pretendia abafar o escândalo, impetrando um remédio para o mal!

Mais recentemente, quando no Parlamento se debatia o caso Angola e Metrópole, o ministro das Finanças, sr. Torres Garcia, confessava, também em voz baixa, que era certo às vezes, por apertos do tesouro, o governo ordenar ao Banco Emissor do Estado a estampagem de notas e que essas emissões ilegais eram depois legalizadas. Mais: que por sua vez o Banco, para satisfazer as suas necessidades internas, procedia de forma idêntica...

Será preciso ainda mais clareza? E' assim que se prova a super-honestidade, a arqui-inocência dos «Inocências» e dos «Motas»?

O cancro que destrói todo o organismo do Banco Emissor vem de longe

Há dias, referindo-se à assembleia geral do Banco de Portugal, originada pelo pedido de demissão de alguns dos seus desinteressados directores, *A Batalha* focou algumas importantes declarações do sr. Fausto de Figueiredo, que, entre outras coisas interessantes, afirmou que o Banco do Estado há um ano que está desarrumado.

Ora vamos: *A Batalha* sempre gostou de avivar memórias e o sr. Fausto de Figueiredo está um pouco desmemoriado.

A desarrumação daquela casa do Estado não vem de há um ano. Já em 1923, também na sessão parlamentar de 26 e 27 de Outubro, o sr. Fausto de Figueiredo se pronunciava deste modo:

Senhor presidente: A proposta apresentada pelo sr. Sampaio Maia merece considerações de vária espécie, referindo-se ao Banco Emissor, que, sem desprimor para o que o dirigem, tem exercido na vida financeira deste país efeitos altamente perniciosos. (Aploados). Não se diga que a proposta do sr. Sampaio Maia, não teria razão de ser se de facto este estabelecimento, ao qual o Estado tem inteiramente ligados os seus interesses, fosse dirigido e administrado com aquela independência que um estabelecimento daquela natureza devia ter.

Infelizmente, o que se dá dentro daquele Banco, sem desprimor para nenhum dos homens que o dirigem, não é próprio de um Banco do Estado. Não é um Banco de Portugal; é, sim, um Banco em que diversos grupos entenderam assambarcar as funções a ponto de dispor livremente do que o Estado lhes confiou, não olhando aos interesses legítimos quer da agricultura, quer do comércio, quer da indústria, não olhando às conveniências dos interesses do país, o que tem sido, a meu ver, um dos factores mais importantes do descalabro financeiro e cambial que infelizmente o país atravessa.

E já lá vão mais de dois anos!...

Aquela casa que o sr. Fausto de Figueiredo há dias dava por desarrumada há um ano, já pelo mesmo senhor assim foi considerada há dois anos. Isto quer dizer que a progressividade do mal reconhecido há tanto tempo como existente pelos srs. António Marang da Silva e Fausto de Figueiredo, deve ter transformado o Banco de Portugal numa verdadeira Babilónia onde os tais grupos que dispõem livremente do que o Estado lhes confiou cresceram e se multiplicaram, crescendo em proporção os seus escândalos e as suas falcaturas de que o caso Angola e Metrópole é um simples, um insignificante incidente.

Não tanto a lei—*inexorável* lei—esperta, muito disposta, por certo, a deixar escapar-se-lhe pelas largas malhas os super-honestos que começaram a sua carreira de honrados numa quinta para os lados de Sintra, reservando as suas estreitas malhas para tolher e sufocar qualquer desgraçado que, acossado pela fome, lance mão de algo com que a mitigar!

A INVASÃO NEGRA

O hospital e a Juventude Católica de Torres Novas são duas eloquentes demonstrações da crueldade e da imoralidade clericais

(Do nosso enviado especial)
TORRES NOVAS, 9.—O hospital desta vila é, como ontem acentuámos, um feudo dos reaccionários locais, um sanatório de freiras que absorve quasi toda a alimentação, quasi todas as verbas destinadas aos doentes. O hospital destina-se, em principio, aos doentes mas são exactamente estes quem se encontram nele em piores circunstâncias: não tem pessoal competente para os tratar e não tem um minuto de sossego, nem os cuidados que o seu estado requiera, desde que não sejam católicos ou não se submetam aos padres e às freiras, beijando crucifixos e resando diariamente em homenagem ao altíssimo... O doente, desde que entrou naquele negregado hospital, não pertence a si mesmo: fica sendo propriedade exclusiva daquelas aves de rapina. Escusado será dizer que os que não se converterem em vida terão depois de mortos a fama de que aderiram ao Deus dos seus católicos-judeus, no exterior da agonia que terá, inevitavelmente, como companheiro a litânia das freiras.

Uma vingança odienta dos padres e das freiras

Há tempos, uma criatura de passado bastante agitado foi parar ao hospital bastante doente. Ignoramos o seu apelido: sabemos apenas que tem o nome de Angelina. Sabemos que vive com Manuel Madeira que foi para ela, na sua doença, dum cuidado revelador do carinho que lhe dedicava. Os padres e as freiras cercaram-na logo e começaram a dar-lhe conselhos, a intrinsecar-se na sua vida. Que era uma vergonha viver com um homem, sem que a ele estivesse unida pela igreja. Tanto insistiram que a desventurada doente para que a deixassem em paz pediu a Manuel Madeira que casasse com ela religiosamente.

Manuel Madeira, bastante apovado pelas solicitações dos padres e das freiras e pelos pedidos insistentes da criatura com quem vivia, acabou por aceder, prontificando-se a casar pela igreja. Mais tarde, porém, sabendo que Angelina não se podia salvar, recusou casar-se, achando inútil praticar esse acto visto que nunca mais, devido ao estado desesperado em que a doente se encontrava, voltaria a viver com ele.

Os clericais do hospital vendo fugir-lhes, pela razão dolorosa acima disposta, uma vitória que supunham segura, ficaram irritadíssimos. E juraram tirar da decepção sofrida uma desforra violenta, vingando cruelmente o seu despeito na pobre enferma que tinham ali, no hospital, inteiramente à sua mercê. Angelina encontrava-se num indesejável estado de fraqueza física, o que facilitou extraordinariamente a execução da sua repugnante vingança.

Manuel Madeira que ia ao hospital levar dinheiro e várias coisas que eram necessárias à sua companheira foi proibido categoricamente de lá entrar. O hospital é daquele bando negro; por isso conseguiram em prática, sem serem incomodados, uma medida tão arbitraria e tão cruel.

A vingança não se resume na proibição de visitar a doente. Os clericais foram mais longe. Sugestionaram a doente, obrigando-a a fazer a declaração de que não queria ser visitada pelo Manuel Madeira por quem passara a nutrir o maior desprezo. Conseguiu esta desarmar a, os reptis do hospital atiraram-na para o canto dum enfermário e despresaram-na completamente. E para ali está, agonizante e abandonada, a pobre Angelina. Que morra depressa esta pobre vítima que eles reduziram a um pobre farapo agitado pelo vento da insanidade das suas ruins paixões. Seria fácil para nós desenhar a largos traços, a agonia dolorosa desta pobre abandonada a quem roubaram o único carinho, o único amor de toda a vida de sofrimentos e de misérias. Mas, não diremos mais uma palavra para que os canais de soitaína e de hábito não rião clinicamente do nosso sentimentalismo e não torturem mais a desgraçada que lhes caiu nas suas mãos papudas e cabeludas—simiescas.

O vinho como arma de propaganda reaccionária

O dr. Carlos Mendes, senhor do hospital, senhor da Misericórdia, senhor de Torres Novas, que é casado com uma senhora bastante fanática e bastante rica, emprega uma parte do pecúlio que não lhe custou a ganhar na sua actividade reaccionária, subsidiando passeios a jovens, a quem ele depois obriga a comungarem, e que são coheciados pela mirabolante designação de

A PROVINCIA DE ANGOLA

A inutilidade, a inépcia e a vida parasitária dos funcionários coloniais

Angola debate-se numa situação verdadeiramente aflictiva?

Sem dúvida: não há mesmo possibilidade em argumentar de molde a conduzir-nos a uma conclusão contrária. O governo não ignora tão lamentável situação, que é do domínio de todos os partidos políticos.

Os funcionários angolanos e todos aqueles que à África Ocidental têm interesses ligados poderão descrever-nos minuciosamente o que tem sido, desde há longos anos, a acção governativa daquelas a quem o governo da República escolhe para tomar o timão de tão grande barcaça.

Nem sempre, porém, nos será dado encontrar uma balança em cada funcionário angolense, militar ou civil; uns porque são incapazes de bem aquilatar e sentir a agonia de Angola, outros porque, pertencendo à complicada engrenagem do Estado, tendo a sua paixão política e temendo as consequências do pouco patriotismo, se abstêm de fazer referências à orientação seguida pelos governadores e altos comissários na administração da herança que os seus antepassados lhes legaram.

Como em todos os meios e classes, a burocracia de Angola reúne elementos que revelam uma covardia extrema e uma falta de conhecimentos que não os deixa alijar da proveniência do papel, tinta, pena e lápis com que escrevem. Um elevado número de burocratas civis e militares vêm no trabalho o seu maior inimigo, passando os dias nas repartições a gastar tinta, inutilizar penas, consumir papel, lápis e borraças, aguardando a hora da saída. Na taberna ou na cervejaria aguarda o copo e na praça ou à porta da repartição o chauffeur espera ordens...

Para estes coloniais, que diante da vista e do cérebro só têm o relógio e o passatempo inútil, vivendo absolutamente alheios a tudo—por falta de conhecimentos ou por covardia—quanto seja susceptível de interessar ou prejudicar a comunidade, é diferente a boa ou péssima administração da colónia, o que importa é que o dia passe rapidamente, a um se suceda outro, até que o 30 ou 31 lhes leve os vencimentos ao bolso.

Uma portaria, um decreto inútil ou de efeitos contraproducentes?

Um contrato escandaloso entre o Estado e qualquer empresa?

Um exemplo de indisciplina dado pelos disciplinadores?

Não há transferências nem as vias férreas satisfazem as necessidades de exportação para os pontos literais e para a capital da província?

Há falta de produtos agrícolas e industriais e estão exaustos os cofres da colónia?

O comércio faz em cada dia, em cada hora, um novo preço aos artigos que expõe à venda, para satisfazer a sua ambição, rindo da miséria que lhe transpõe as portas?

Realizam-se empréstimos uns após outros e gastam-se avultadas somas em jantares, passeios e representações?

Empenham-se a colónia desde norte a sul, de leste a oeste, é nula a produção e não tem Angola produtos a exportar, que lhe garantam crédito nos mercados nacionais e estrangeiros?

Nada importa. Pensar um momento nos interesses comuns, discutir, reprovar, protestar, manifestar indignação e revolta, ver no trabalho o único factor da riqueza pública, trabalhar... seria incómodo demasiado, preocupação trabalhosa e perda de tempo.

E' bem mais aprazível estacionar na indolência, bem mais digno e proveitoso ser cobarde.

Quanto à miséria, uma legião de andrajosos que passa, a voz maguada dos famintos, dos abandonados e sem trabalho—que importa?

Um crime de roubo, de estupro, homicídio, um desastre na linha férrea, um pobre preto que fica na rua esfacelado por um automóvel ou que nos calabouços da corporação de polícia é bárbaramente espancado—que importância tem tudo isso?

Chegue o fim do mês, venham os vencimentos, haja cerveja e vinho e automóveis na praça!

Eis a missão que a Angola vão cumprir centenas de portugueses, os homens da *raça civilizada*, pertencendo aos funcionários, militares e civis, o maior número destes indivíduos. Eis um dos grandes males de que Angola enferma, e este, como tantos outros de que padece a desditosa colónia, agravando-se dia a dia, ano a ano, tende a tornar-se crónico.

Claro que ouvir um destes funcionários ou colonos sobre a situação de Angola, essa grande e rica mas inexplicada porção do continente etíópico, importará ler a descrição dum paraíso, dum Eden de prazer por eles encontrado além-mar.

Mas se ouvirmos o funcionário inteligente e trabalhador, que tenha passado alguns anos em Angola e haja acompanhado, com interesse, a administração civil e financeira da colónia, de modo bem diferente nos relatara a situação desoladora desse imenso domínio ultramarino.

Estes são os que soberbamente dedicam-se ao trabalho, lêr e compreender a imprensa, *Boltem Official*, despachos, determinações, portarias e decretos, não poucas vezes julgando inútil e de efeito retroactivo e absurda uma grande parte dos diplomas de governadores e altos comissários—que à semelhança de todos os políticos portugueses têm o curso de economia política e de direito e as qualidades *notas* de legisladores.

Consultam o orçamento, ajuizam das fontes de receita, esperam o que de bom resultará do emprego de tantas e tão consideráveis verbas, procuram saber a que se

Francisco Viana

Realiza-se hoje o funeral deste denodado militante

Hoje, pelas 14 horas, vai a enterrar, no cemitério da Ajuda, o nosso camarada Francisco Viana. Do extinto, sem se forçar a nota da louvaminha pode dizer-se que era um espírito bem formado. Medianamente culto e inteligente o extinto soube captar a simpatia de todos quantos com ele lidaram e a estima daqueles que o acompanharam na árdua luta em prol da emancipação humana.

As suas vastas qualidades de trabalho perpassam através das páginas da história dos últimos anos do movimento operário português. Muito honesto, dum honestidade por vezes ingenua, a sua voz erguia-se sempre que era preciso estigmatizar uma injustiça, o seu conselho amigo era sempre emitido quando mister se tornava amparar alguém que o desalentou tocasse.

Ele, que na sua modestia nunca invocou os seus muitos serviços prestados à causa, talvez, se pudesse, nos manifestasse o seu desgosto por aqui os relembrarmos. Fazemo-lo, porém, especialmente, como um incentivo aos novos.

Francisco Viana de muito novo manifestou sua inclinação para a defesa dos ideais libertários.

Em 1906, o rigor da lei de 13 de Fevereiro, a crise de trabalho e o seu grande desejo de conhecer o estrangeiro, levaram-o a emigrar para América do Norte, onde fez parte de algumas associações operárias. De volta a Lisboa em 1913, militou na antiga Associação dos Forjadores, até que, dissolvida esta ingressou na dos Serralheiros, sempre com o maior ardor e crescente entusiasmo, tomando em nome desta assento no 1.º Congresso que deu existência à primeira Federação Metalúrgica. Nesse mesmo ano, quando do cortejo camonense e, após o rebanter dum petardo sobre o cortejo, o dezoito a algumas cargas da força pública sobre os circunstantes, Francisco Viana foi vítima dum violenta agressão que lhe conculcava as pernas, fazendo-o so-

destinam os sucessivos créditos que se abrem, registam as inúmeras viagens que se fazem à custa do erário público extraordinariamente pretextadas, reparam como se *trabalha* pelas repartições públicas, ouvem, vêem, pensam e deduzem.

O número destes é, porém, infelizmente, muito reduzido e dentre eles poucos são os que sem paixões políticas e sem covardia aparecem na imprensa a dissertar sobre a péssima administração, inércia e descredito, abismo em que Angola desde há longos anos sossobra, e presentemente quasi sem esperança de salvação, mercê da acção perniciosa de dois militares—Norton de Matos e Rêgo Chaves.

frer por alguns meses, sob prisão, com grande sacrifício seu e de sua família.

Em 1917 tomou parte na Conferência Regional Operária da Calçada da Estrela. Em 1919, após o ter dado o seu esforço para a fusão das classes de especialidade no S. O. de Lisboa ao Congresso Nacional Operário de Coimbra, que transformou a U. O. N. em C. G. T.

Quando se constituiu o Partido Comunista, Francisco Viana, levado pelo seu desejo de apressar a revolução emancipadora ingressou nele; mas, logo que se apercebeu das intenções intrigantes e divisionistas dos partidários de Moscúvia, abandonou o partido e enleou-se no fervor ao lado dos que defendiam a independência da organização operária de todas as facções políticas.

Nas lutas de reivindicação várias vezes o cárcere o albergou. Em 1916, quando pelo sul fazia uma tournée de propaganda pela Federação Metalúrgica, foi detido pelo governador de Aljustrel capturou-o e expulsou-o daquela terra.

Uma das mais prolongadas e torturantes clausuras foi a última que sofreu em São João da Barra pelo procedimento amoral de alguns companheiros de prisão. A sua passagem pelas prisões, sem outro delito além de ser idealista e militante, muito contribuiu para lhe apressar o fim da vida. Francisco Viana desempenhava ultimamente, com irrepreensível zelo e honestidade, o cargo de tesoureiro da C. G. T. para que foi eleito no recente Congresso de Santarém. O falecimento de sua esposa, há poucos anos, causou-lhe grande abalo.

Ainda nos últimos momentos, não podendo falar, mostrava-se inquieto pela organização, lamentando-se de estar inerte.

A sua morte foi sentida por todos quantos com ele conviviam.

O Conselho Confederal ontem reuniu-se na sala da sua sessão um voto de profundo sentimento pelo falecimento de Francisco Viana.

A comissão administrativa da Secção Profissional dos Serventes aprovou um voto de sentimento pelo falecimento do prestimoso militante Francisco Viana.

A direcção do Sindicato dos Impressores Tipográficos convidou os componentes da classe a incorporar-se no funeral do dedicado militante que foi Francisco Viana no qual se fará representar.

A comissão executiva da Secção do Sindicato Metalúrgico no Povo do Bispo lançou na acta um voto de sentimento pelo falecimento de Francisco Viana, convidando todos os operários metalúrgicos a incorporarem-se no funeral.

A Bólsa de Trabalho da Construção Civil enviou ao Sindicato Único Metalúrgico os seus pesames pelo falecimento de Francisco Viana, nomeando seu representante o secretário geral Alexandre de Assis.

A Federação Metalúrgica na sua reunião, ontem realizada, exarou na acta um voto de sentimento pela morte do prestimoso camarada Francisco Viana, tesoureiro desta Federação e que a organização metalúrgica prestou relevantes serviços. A Federação faz-se representar por todos os componentes da comissão administrativa.

A comissão administrativa do Sindicato dos Manipuladores de Pão convidou a classe a incorporar-se no funeral do malogrado militante Francisco Viana.

A comissão administrativa do Sindicato Único Metalúrgico convidou por este meio todos os metalúrgicos a incorporarem-se no funeral do nosso saudoso camarada e valoroso militante Francisco Viana, cujo funeral se realiza, hoje, pelas 14 horas, saindo o prestimo fúnebre da sede do Sindicato, à rua da Esperança—122, 2.º.

Em França

O novo governo é presidido por Briand

PARIS, 10.—O sr. Briand reorganizou rapidamente o seu gabinete, embora o não fizesse nos moldes em que desejava realizar a remodelação. O chefe do governo pensou primitivamente na realização dum grande ministério de acção, englobando os nomes dos srs. Caillaux, e De Monzie, mas o primeiro destes reclamava a presidência, tendo consentido por fim em aceitar a pasta das finanças com a condição de saírem todos os ministros do gabinete demissionário.

O sr. Briand apelou então para o sr. Peret a fim de marcar nitidamente o espírito de concentração do gabinete em oposição aos cartelistas. Os srs. Renault, Daladier e Clémentaux abandonaram o governo, juntando-se aos 30 radicais descontentes, ao passo que as novas nomeações satisfizeram a maioria dos radicais e apaziguaram, tanto o centro como a direita.

O sr. Peret sobe à pasta das finanças, e as do Interior, instrução e justiça foram confiadas aos srs. Malvy, Lamoureux e Pierre Laval, respectivamente.

Para sub-secretários foram nomeados: Presidência e estrangeiros, Danielou; Finanças, André; Regiões libertadas, Morel; Marinha mercante, Roustan.

Todas as restantes pastas, bem como secretários de estado não sofreram alteração.

Briand partiu para Genebra

PARIS, 10.—O sr. Briand apresentou o seu novo gabinete ao presidente da República pelo meio dia.

O chefe do governo parte esta noite para Genebra, onde vai ocupar o seu lugar de chefe da delegação francesa.

O novo gabinete não entrará propriamente nas suas funções políticas antes dos primeiros dias da próxima semana.

UMA QUESTÃO VELHA

Um bando de abutres paira sobre a serra de Mértola, procurando dividi-la em prejuízo da população

Esta serra a que uns chamam de Mértola e outros chamam Serra de Cambas não tem sido administrada, desde que D. Diniz, o rei cognominado «Lavrador», a doou aos «moradores visinhos dos povos além-rio entre Changa e Guadiana» para «seu uso e disfruto».

Na manhã de São João estes povos da chamada região de Cambas (ditos compreendidos entre Changa e Guadiana) têm por tradição juntar-se em diversos pontos da Serra e uma vez ali, entre festa e algum isco de antemão preparado pelos mais argutos, aguarda-se o aparecimento do sol iniciando-se, ao despoitar do resplandecente astro, a medição do terreno «relva de seveda» que logo era dividida em tantos bocados ou bocadinhos quantos os agrupados neste cetro, naquelle ou naquelloutro. Compreendendo a harmonia e tom alegre das párias que juntos sem exclusões, agora usadas, saudavam festivamente o raio da benfida aurora sentir-nos-íamos felizes se houvessemos «formado» a Serra nesses tempos!

Sim, nesses tempos, porque de alguns anos esta parte um «Corpo administrativo» appareceu a dirigir a fruição da Serra cujo «Corpo» sob o nome de «Comissão do Povo» (sic) é uma amalgama de interesses pessoais — serrassenos e comissionistas políticos, não permitindo, (porque a doutrina de tal «Comissão» ergueu uma das pias confraternizantes da manhã de S. João) a quem não fosse «nato» da parte de Cambas, «assinatura» na Serra; quer dizer que, deixaram de «fruir» a Serra pessoas que há 20, 30 ou mais anos a vinham «fruir» isto pelo motivo de os obsecados, até pela violência, imporem uma «moderna tradição». Paradoxal?... mas é «verdade de deus», dos tais argutos fruidores da Serra que o povo já devia ter corrido a bico de pé!

A tradição ou o costume de fruir a Serra até ao aparecimento da tal comissão do Povo tinha como única observação no acto da assiniatura o não comparecer de mais uma pessoa de cada fôgo ou lar da parte de Cambas em cada cetro, sendo verdade irrefutável que, muitas vezes, uma família de 5, 6 ou mais pessoas se dividia na manhã de São João por diversos locais da Serra e todos tinham parte... todos fruíram ou davam a fruir.

E neste «dar» que se verifica a base do «isco de antemão preparado» a que atrás nos referimos. Os argutos que já por cá abundam por tradição sabiam conduzir carradas de indivíduos às vezes muitas pessoas de uma só família, que a troco de um copo, um frugal almôço lhes entregavam, as chamadas sortes.

Estes mesmos indivíduos já de há muito mandavam semear trigo, só trigo, porque na manhã de São João o povo não ia a assinar na relva de trigo... Facilmente se conclui daqui ser verdade que grandes faixas da serra estão hoje compreendidas como propriedades dos «argutos» delimitados por propriedade (tradicional costume) das suas famílias que argutos eram também.

O baldio da serra de Mértola tem grande parte inculta e se bem que inúmeras pessoas o tenham fruido sem que a sua identidade anteriormente fosse declarada alguns, os indivíduos menos desprotegidos são os que mais a têm explorado e até como se prova, roubado!...

Prova-se mais que estes mesmos senhores, hipocritamente fingindo-se partidários da divisão da serra têm obstado à marcha dos trabalhos da divisão porque, fazendo parte da comissão do Povo apregoam aos quatro ventos que os «natos» da região eram «legítimos» herdeiros de «os moradores vizinhos» da parte de Cambas a quem D. Diniz doou a Serra «para seu uso e disfruto». Mas nós admitimos que os escriptos tradicionalistas, por uma ignorância do que se coaduna à razão, ou por um mal proveeniente do egoísmo que as massas populares têm herdado da burguesia, ainda ambicionassem um quinhão maior na divisão da Serra prejudicando embora, inevitavelmente, a maioria dos «fruidores» da Serra, mas, como que a dividir-se com estes «natos» na sua boa fé iludidos, nós vimos os tais «argutos» que só ambicionam a continuação da contenda — entre «natos» e «residentes» — mostrando a cada momento, querem a divisão da Serra, instigando, mentindo e com olhos de farcantes querendo negar terem interesses ligados à mesma.

Politicamente, também, é do domínio público que mais de um partido (democrático e nacionalista) têm feito de gladiadores. Actualmente, presenciamos que um ou mais engenheiros, estão medindo glebas na Serra.

O sr. Abolin Inglês, amigo, provavelmente, do dr. Matos Cid, que advoga a questão só para «natos», deseja que se respeitem os legítimos direitos dos mesmos «natos»; nós, que consideramos isto um absurdo, não compreendemos como o ministro da Agricultura pensa em dividir a Serra de Mértola sem ter assentado no modo de o fazer, pois que, nem o decreto n.º 9.843 de 20 de Junho de 1924 — único que parece mais razoavelmente applicável a esta Serra — é respeitado ao que parece.

Oxalá a Serra de Mértola na sua divisão aproveite ao maior número possível e de uma vez desapareçam ódios e malquerenças entre os trabalhadores, que, infelizmente, não têm sabido arredar os obstáculos. — Um que não tem parte.

A CORPORACÃO DO CRIME!

A loucura e a morte de António Ferreira resultou dos bárbaros espancamentos da polícia

Noticiamos, ultimamente, os jornais que, numa enfermaria do hospital de São José, faleceu António Ferreira que para ali tinha sido removido do Limoeiro.

Isto foi narrado secamente nos jornais de grande informação que fazem avultar o mais pequenino facto, fazendo o acompanhar dum larga pormenorização. E, contudo, grandes e interessantes pormenores havia a acrescentar a esta notícia. Tal se não fez, porque o relato se fosse completo acabaria por converter-se num esmagador libelo contra a polícia.

Este António Ferreira que a morte ceifou em plena mocidade, foi uma das vítimas do famoso Xefe Xavier e dos seus séculos. António Ferreira foi, como oportunamente referimos, por várias vezes, barbaramente espancado na esquadra de Santa Marta, tendo ficado dos golpes que recebeu com cicatrizes na cabeça e em várias partes do corpo. Ninguém, nas esferas oficiais, pôde alegar ignorância dos maus tratos que ele sofreu, visto que os jornais referiram que sua mãe mostrara ao ministro do Interior de então, o celebre Carrasco Vitorino Godinho, uma camisa manchada de sangue que trouxera da esquadra de Santa Marta.

Esses espancamentos tiveram como objectivo obrigar António Ferreira a fazer acusações falsas de molde a permitir à polícia prender arbitrariamente pessoas com quem ele caprichosamente embriasse comprometer os que já se encontravam detidos.

Desses espancamentos resultou, como em tempos relatámos, o ele vir a ser atacado de alienação mental que se tornou bastante acentuada no forte de Monsanto, donde uma vez se precipitou, aproveitando o descuido dum guarda, da altura aproximada dum terceiro andar, ficando num estado lastimoso. Depois dessa queda, após 24 horas de enfermidade em Monsanto, em tratamento, enviaram-no para o Limoeiro onde, tendo em atenção o seu estado, o removeram para o hospital de São José onde faleceu.

Este José Ferreira que a polícia fez assassinar era um operário honesto e um filho exemplar. Só os bárbaros espancamentos da polícia privando-o da razão o levaram a fazer acusações falsas contra pessoas que nem sequer conhecia. Mais um crime que fica impune — que fica a provar que em Portugal, sob o consulado democrático, — a vida dos operários está à mercê das feras que andam fardadas de polícia e dos bandalhões que como Vitorino Godinho se alcaudonam a ministro do Interior.

Sobre este assunto recebemos do operário José da Silva uma carta referindo-nos os factos, que acima apontamos e criticando com energia mas com justiça o crime praticado pela polícia enlouquecendo e matando um homem para conseguir prender, acusar e deportar sob accusções falsas, operários que nenhum acto delictuoso praticaram.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «São Miguel» são amanhã expedidas malas postais para as ilhas da Madeira e Açores, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência ordinária às 7 horas e para a registada recebe-se até às 17,30 horas de hoje.

—Por motivo de força maior foi adiada para hoje a expedição de malas para a Madeira e Norte do Brasil pelo paquete «Din», efectuando as últimas tiragens às 11 e 13 horas, respectivamente registadas e ordinárias.

AVENIDA

E' o alegre «Pão de Ló» que constitui o espectáculo desta noite, na Avenida. Nada mais é preciso dizer-se, para que ali devam afluír numerosas famílias que escrupulosamente escolhem os seus divertimentos.

O congresso do Partido Radical realiza-se este mês

A comissão organizadora do congresso extraordinário e 4.º ordinário do Partido Republicano Radical, foi, em harmonia com o regulamento aprovado pelo directorio e lei organica, organizada do seguinte modo: presidente, sr. Pita Simões; vice-presidente, sr. José de Freitas; vogais, srs. Cesar da Silva, Augusto Lobo, António Magalhães de Almeida Junior, Alvaro Cabreira, Raúl Rocha; do Porto, sr. Felix Farinhotte, Américo Cardoso e Mario Azevedo; de Braga, sr. tenente Rocha Nunes e Paulino Nogueira; de Évora, sr. João de Oliveira e ainda os srs. Argenteiro Seia e Roma Carvalho. A ordem dos trabalhos do congresso extraordinário do corrente mez é a seguinte: A acção do P. R. na politica portuguesa; o directorio perante os interesses partidários; quaisquer outros assuntos que o congresso determinar. A ordem dos trabalhos do 4.º congresso ordinário a realizar nos dias 1, 2 e 3 de Maio, é a indicada na lei organica. A comissão central nomeará a comissão executiva e as comissões locais que julgar convenientes na sua primeira reunião.

A assembleia geral da Sociedade das Nações

Na primeira reunião nada se resolveu...

GENEBRA, 10.—Reuniu-se ontem a primeira comissão da assembleia geral da Sociedade das Nações, sob a presidência do sr. Chamberlain, sendo nomeada uma sub-comissão para apreciar o pedido de admissão formulado pelo Reich. O sr. Chamberlain sugeriu o adiamento da apreciação do pedido até à regulamentação do problema da composição do conselho executivo da sociedade. Espera-se que a sub-comissão tenha o seu relatório elaborado ao fim da tarde de hoje. O presidente da delegação chinesa declarou ontem que o seu país está pronto a adiar o seu pedido dum lugar permanente no conselho, desde que não seja admitida mais nenhuma potencia além da Alemanha.

Os delegados britânicos desmentem que tenham tomado o compromisso de adiar a solução do problema do numero de lugares permanentes do conselho para a sessão de Setembro. O sr. Chamberlain continua nas suas negociações conciliatórias e se nada conseguir, avizará que a sociedade trate neste momento da Alemanha e depois dos restantes pedidos.

... porque o chefe da delegação francesa não compareceu

GENEBRA, 10.—A ausencia dum chefe da delegação de França, fez com que não tenham sido ainda tomadas pela assembleia geral da Sociedade das Nações, quaisquer decisões definitivas sobre a admissão da Alemanha. Espera-se a cada momento a noticia de que o sr. Briand reassumirá a chefia do gabinete de Paris.

Uma ameaça da Espanha

GENEBRA, 10.—O presidente da delegação espanhola declarou ao correspondente da «Westminster Azette» que o seu país se retirará da Sociedade das Nações, se não obtiveram um lugar permanente no seu conselho executivo.

O alargamento do conselho executivo

GENEBRA, 10.—Referindo-se ao problema do alargamento do conselho executivo da Sociedade das Nações, os jornais assinalam o firme propósito da Espanha, da Suécia, do Brasil e da Polónia em obter um lugar permanente no mesmo conselho.

A situação militar da Alemanha

GENEBRA, 10.—Pela comissão permanente das questões militares da Sociedade das Nações, foi ontem apreciada a situação militar da Alemanha, em relação ao recente pacto de Locarno.

O Brasil e o conselho executivo

BERLIM, 10.—Causou viva impressão em todos os círculos políticos a noticia da ameaça brasileira do «veto» para o pedido dum lugar permanente no conselho executivo da Sociedade das Nações, formulado pela Alemanha.

A restauração financeira da Austria

GENEBRA, 10.—Pela comissão financeira da assembleia geral da Sociedade das Nações foi examinada a situação da Austria, e as novas medidas a tomar para a sua restauração financeira e económica.

A-pesar-de tudo...

BERLIM, 10.—Grande parte da imprensa afirma que o Reich não fará qualquer concessão, mesmo que isso lhe custe a sua entrada na Sociedade das Nações.

A conferência do desarmamento

GENEBRA, 10.—O conselho executivo da Sociedade das Nações fixou a conferencia do desarmamento para 17 de Maio, em Genebra.

Ocorrências diversas

Em Lagoa, existe uma quinta, propriedade do sr. João Ferreira, presidente da câmara municipal daquele concelho e da qual é casarão Jorge Pratas, que tem um filho de 12 anos, João Pratas. Ante-ontem um jornalista da mesma quinta, de nome José, de 19 anos, estava examinando uma pistola de que possui, quando, para atemorizar o pequeno João lhe apontou, mas com tanta infelicidade que a arma se disparou indo o projectil alolar-se no nariz do João. Socorrido ali, veiu depois para Lisboa, onde num auto da Cruz Vermelha foi transportado ao hospital de S. José, em cujo banco foi pensado, recolhendo depois à enfermaria de S. Francisco.

Na enfermaria de S. Sebastião, do hospital de S. José deu entrada, António José, de 23 anos, jornalista, natural de Móra e residente em Monte Franzina, que quando ali trabalhava foi colhido no olho esquerdo por um fragmento da enxada de que se servia.

—Depois de operado no banco do hospital de S. José, pelos dres. Alberto Mac Bride e Carlos Larróud, recolheu à sala de observações, Manuel Correia, de 35 anos, moço de fretes, natural de Vizeu e residente na rua do Terreirinho, 38, 4.º, direito, o qual, na estação do Rossio, foi agredido. O estado do ferido é grave.

—No banco do hospital de S. José, recebeu curativo e seguiu depois para casa, Manuel Cunha Pires, de 23 anos, natural de Ponte da Barca, trabalhador, residente na rua do Passadizo, 22, que foi agredido no largo de S. Domingos, ficando ferido na cabeça.

'A Batalha' na provincia e arredores

Olhão

A procissão do Senhor dos Passos e a intolerância dos fanáticos

OLHÃO, 8.—A reacção jesuitica continua nesta vila, a tomar constantemente maior incremento. A sua nefasta acção está-se tornando dia a dia seriamente perigosa.

E' tal o atrevimento, a audacia do jesuita padre Delgado que ultimamente tem chegado a esbofetear alguns rapazes, por terem lábios a seguinte exclamação: «hoje já não ganho nada».

As crianças que não lhe beijam a mão à sua passagem são igualmente esbofeteadas e sofrem mais a penalidade de serem penduradas pelas orelhas.

Realizou-se nesta vila mais uma formidável manifestação reaccionária, que a maioria do «povo» chama a festa do Senhor dos Passos, que sendo no entanto uma autentica «fantocheada» é ao mesmo tempo uma autentica parada de forças reaccionárias.

Esta «fantocheada» foi preparada com muitos dias de antecedência por um padre missionário e por um bispo. Perante este curaram-se, ajoelharam e beijaram o santo anel, todas os «snobs» daqui e segundo nos consta, o próprio administrador do concelho, quando aquele se apeava do comboio. Isto nada nos admira já, a polícia também se encontra de guarda à igreja. Os «fanto-ches» este ano tiveram outro percurso.

Foram debruçados para o mar, para este dar peixe com abundância. Este acto foi feito ao som dos apitos dos vapores, que içaram as bandeiras nacionais, como se fora um dia de gala para a nação. E como se tudo isto ainda fosse pouco, a «draga» que aqui se encontra fundada e que no dia 5 de Outubro e mais tarde, não tem hestadao a bandeira, içou-a hoje também a pedido dos reaccionários.

E a própria polícia também andava de serviço, atrás dos «fanto-ches» para os proteger contra qualquer precalço.

Nestas ocasiões, é seriamente perigoso não se tirar o chapéu às imagens. E também os fanáticos apenas avistavam um indivíduo com o chapéu na cabeça, caíam sobre ele e o desgraçado tinha, imediatamente, que se descolir perante aquela farça.

E' tanta a certeza da força que têm, que os reaccionários chegam a ameaçar publicamente todos os que discordem das suas ideias.

Os maritimos completamente fanatisados têm abandonado por completo a sua associação de classe. E como o mar não dá peixe, morrem de fome esperando, que os pedaços de madeira que ontem se debruçaram para o oceano, lhes dê peixe, muito peixe, para eles, poderem levantar da casa do «Barrigas» (a casa de penhores daqui), toda a mobília e todos os objectos de valor. — C.

Cabeceiras de Basto

A precária situação dos operários municipais

CABECEIRAS DE BASTO, 9.—Os operários que têm o mau sestro de trabalhar por conta do município ganham miseravelmente: apenas seis escudos diários, sem limite de horas. A má paga agrava-se com a obrigação imposta ao operário de pagar a ferramenta e qualquer conserto de que necessite. A situação não deve melhorar tão cedo, pois os infelizes operários até desconhecem todos os princípios da organização de classe. — E.

A REACÇÃO CLERICAL

Festa rija em Fafe para baptismo sagrado do povo

FAFE, 9.—Para auxiliar o conhecimento público da expansão clerical neste país, vamos relatar uma farça de que esta landa terra minhoto tem sido palco. Um grupo de damas muito tementes de Deus e muito devotas da Igreja, lembrou-se de convidar o bispo de Braga a que, acolitado por vários padres, baptisasse religiosamente todo o pacifico povo de Fafe.

A-pesar de pertencerem a famílias riquissimas, essas senhoras não quiseram dispendir um centavo com a sua iniciativa, que demandava o custeio da banda de música, bandeiras, foguetes e gorgeta para os padres. Então, improvisaram-se em luxuosas pedintes e percorreram desde a cabana ao palácio, esmolando para o custeio da grande festa.

Segundo nos informam, no dia do baptismo popular haverá farto banquete, suprimindo-se a hostia e dando-se apetitosas iguarias, e o bom verde do Minho substituído a fétida água benta, tudo se acabando numa commoção de champagne.

O que é triste é que os habitantes de Fafe paguem para esta farça, a-pesar de estar ainda vivo em todas as conversas o escândalo provocado pelo padre Paulino, que desordenou um lar abusando dumasenhora e abandonando a logo. Nem ao menos, o povo de Fafe repete aquele gesto magnifico de desprêzo tido pelo povo de Góles que há um ano correu a bichas de «rabiar» o veneravel bispo de Braga...

Ainda assim, uma voz se ergueu, protestando. Foi a do professor António David, que, cioso da sua missão de educador, tem feito contra-vapor, dando directas lições de moral às senhoras que amam Deus e os padres mais que tudo. — Especial.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Na sua carreira, coroada de concorrência e enorme entusiasmo, prosseguem hoje, no Ginásio, as representações da espiantíssima comédia «Banca à Glória» em que têm grandes criações. Palmira Bastos, Gil Ferreira e Henrique de Albuquerque, as quais lhes têm sido unanimemente elogiadas. A «Banca à Glória» é uma peça digna de ser vista, não só pela sua esultante alegria, como, também, pela apresentação, e perfeito conjunto de desempenho, no qual, além dos artistas já referidos, também tomam parte Mercedes de Almeida, Vital dos Santos, Rafael Alves, Tarquinio Vieira e Barroso Lopes. «Banca à Glória» tem tornado o Ginásio, o mais concorrido teatro da actualidade, e a afluência do público é tanta que muitas pessoas das mais previdentes, reacias de não encontrarem os lugares que pretendem, os mandam marcar durante o dia, por intermédio do telefone C. 2814, o que lhes dá a segurança de alcançarem um optimo lugar, sem maior dispendio, visto que os bilhetes, são vendidos sem locação.

—Afrontando, desafiando todas as concorrências, continua firme no seu posto de glória a revista «Foot-Ball», o formidável éxito do Maria Vitória. E' ela a triunfadora, com os seus vários e atráncissimos números, dentre os quais são, sempre nas duas sessões vibrantemente aplaudidos, «A canção das rosas», por Lina Demol e «O Fado do Caracolinho», por Hortense Luz. E para manter os espectadores do Maria Vitória em permanente gargalhada, lá está o Ghira, no compadre e o Carlos Leal, o Alfredo Ruas e o Santos Carvalho, na interpretação de vários tipos do maior relevo cómico e agado.

—Está sendo aguardada com o maior interesse e entusiasmo, o programa do concerto sinfónico de domingo, no Ginásio, que em festa artística, da Orquestra Portuguesa que tão brilhantemente dirige o maestro Fernandes Fão, para este concerto excepcional, que será o último da temporada actual, já se encontram os bilhetes no camaroteiro do Ginásio.

—Realizou-se ontem no Nacional, a segunda recita da moda, com a admirável peça «O amor vence». Na protagonista Ester Leão, foi maravilhosamente, Laila de Vasconcelos, Ribeiro Lopes, Valério de Rajanto e Otelo de Carvalho interpretam os seus papeis, num equilíbrio e harmonia notáveis. «O amor vence» faz reviver ao Nacional as suas antigas noites de arte e continuará um pleno successo. «O amor vence» repete-se hoje.

—São dois os espectáculo de hoje no Coliseu dos Recreios: o primeiro dos quais, às 15 horas, é uma grandiosa «matinée», em que tomam parte as atrações da Grande Companhia de Carco. Entre elas destacam-se De Costa, o homem que brinca com o corpo, o ginasta português Duarte, que trabalha sem rede perto da cúpula do Coliseu, o ilusionista dr. Laa, cujas exhibições terminam amanhã. No próximo sábado é a estreia do fakir Scarha bey, o mais extraordinário até hoje aparecido na Europa.

DESPOÏTOS

Sportivo da Parede contra Sportivo de Cascais. Realizou-se no passado domingo em Parede, o anunciado encontro entre as 1.ªs categorias destes grupos. Resultado favorável ao «team» de Cascais, por 8 a 1. A linha vencedora era composta por: Gabriel Magalhães, Pinheiro, António do Carmo, Renato, Artur, Sebastião, Ribeiro, Salinha, A. Pereira, Mata e Alberto do Carmo capitão do grupo.

Bronze «Abel Moreira»

A prova de 5 quilómetros levada a efeito pelo Bemfornoso Atlético Club teve o seguinte resultado:

1.º Custódio Lopes do B. A. C., em 16 minutos e 4 segundos; 2.º Abel Moreira, do mesmo club, em 16 minutos e 30 segundos; 3.º Miguel Pereira, do Sport Picheleira, em 17 minutos; 4.º Fernando Simões, do B. A. C., em 17 minutos e 3 segundos.

Foi classificada em primeiro lugar a equipe do Bemfornoso Atlético Club, a qual ficou detentora do bronze «Abel Moreira».

AGREMIACÕES VARIAS

Sociedade «A Voz do Operário». — A comissão administrativa resolveu realizar no domingo, 28 do corrente, no seu amplo salão, um dos mais vastos de Lisboa, uma «matinée» de arte, dedicada à imprensa e em homenagem ao orfeon infantil da Voz do Operário.

O programa desta festa contém números sensacionais. Abirá por uma conferencia sobre educação e arte, por um dos mais distintos oradores. A segunda parte consistirá da apresentação do orfeon infantil, dirigido pelos seus professores, srs. José Simões da Costa e Mateus Pereira de Castro, com o concurso do grupo de bandolistas «Voz do Operário», sob a regência do seu director, sr. Pedro Catalin. A terceira parte será preenchida por um acto de variedades, desempenhado por distintos artistas e amadores de várias academias de Lisboa.

A quarta parte constará dum concerto musical, por uma das melhores bandas, esperando-se o concurso da excelente banda da Sociedade Recreio Barreirense, sob a regência do distinto maestro Manuel Ribeiro. A «matinée» terminará por novas canções pelo orfeon infantil da Voz do Operário, destinando-se o produto desta festa à aquisição de fardamentos para todas as crianças que constituem o orfeon.

Comissão de Beneficência 20 de Abril. — Reúne-se hoje, pelas 21 horas, esta Comissão a fim de dar começo ao seu trabalho para a comemoração do 15.º aniversário da Lei de 20 Abril.

TIVOLI
Telef. II. 5474
Matins às 3 h. Sáb. às 8 h. 34
A fuga da noiva
comédia em cinco partes com
VIOLA DANA
a célebre est. éla americana
Uma página em branco
superprodução faumoni em 5 partes com
Jack Buchanan e Fay Compton
UMA CINE FARÇA
UMA CINE REVISTA

Teatro Maria Vitória
Duas sessões. A's 9 h. e 10 h. 1/2
A revista triunfante
FOOT-BALL
ENCHENTES SUCESSIVAS
Peças populares — Geral 4000
Estão rigorosamente suspensas as entradas de favor

Teatro Nacional
Telef. N. 3042
HOJE a representação da Interessante comédia
AMOR VENCE...
PROTAGONISTA:
ESTER LEÃO
Encenação do professor António Pinheiro
HOJE HOJE
Protagonista:
No Teatro do Ginásio
A representação da comédia em 3 actos e 4 quadros
Palmira Bastos
Banca à glória
Em papeis de destaque:
Gil Ferreira e N. Albuquerque
Original de ALFREDO SAVOIR, tradução de JOSÉ SARMENTO
Scenários de Ivo e Almeida — Maquetes de L. Barros — Montagens de S. D. S.

Coliseu dos Recreios
A'S 15 HORAS
Grandiosa «matinée»
Penúltimo dia do extraordinário ilusionista
DR. SAA
DE COSTA DUARTE
O maior fenómeno humano. Inescomparavel trabalho aéreo
A' noite: Deslumbrante espectáculo



A obra dum alto comissário

As comunicações de Azevedo Coutinho são quasi sempre habilidosas mentiras com que procura segurar-se à frente duma colónia que o repele

O Alto Comissário de Moçambique (informo a arca) comunicou ao ministro das Colónias que «a investigação criminal está já de posse de muitas provas com respeito ao descarrilamento provocado ao quilómetro 7 da linha de Ressano Garcia, tendo sido preso o seu autor, e que as investigações continuam».

Deve ser mais uma falsidade, a não ser que estejam presos o engenheiro Ruas ou o mecânico naval Alfredo Cabral, primeiros responsáveis da greve e por consequência das avarias no material e nas linhas.

Quanto a provas, estamos firmemente convencidos que nenhuma há; e o comunicado officioso desmente logo a primeira afirmação, quando acrescenta «que as investigações continuam».

Se há provas e se foi preso o autor do descarrilamento, para que continuam as investigações?

Azevedo Coutinho é muito habilidoso. O que ele não quer é largar a posta que lhe está rendendo 2.190\$00 por dia—e por isso, quando se vê em situação periculosa inventa falsidades, transmite-as para o ministro das Colónias, abalando assim o ânimo do ministro; no fundo, porém, as comunicações do Alto Comissário são sempre falsas, sendo facilissimo fazer-se a prova dos seus caracteres.

Ainda há dias A Batalha registou que Azevedo Coutinho, 20 dias antes de embarcarem uns inuteis reformados da armada—já os dava como embarcados; o mesmo despota, no principio do conflito ferroviário, informava o ministro que a célebre Reorganização era uma medida de economia e que a greve tinha afinidades ou impulso político, quando agora já se vê obrigado a confessar que os grevistas não querem retomar o trabalho sem que lhe tenham as regalias anteriores, estando mais que provado não haver politica a influenciar os ferroviários; e não há muito ainda, Azevedo Coutinho mandou processar um jornal por ter noticiado que o Alto Comissário ia adquirir um luxuoso automóvel, sem concurso,—quando, poucas semanas depois, em vez de um, fez a aquisição, á porta fechada, de dois excelentes carros para juntar aos três que já tinha em seu serviço.

De igual modo, nos principios de Dezembro, Azevedo Coutinho telegrafava para o Ministério dando os serviços como normalizados e a greve praticamente terminada; e vê-se agora, sem o auxilio de lunetas, a mais de 120 dias do inicio do conflito, que este continua cada vez mais agravado, com as mesmas violências da parte do governo, com o terror imperando em Moçambique, com as prisões cheias de homens ordeiros e sem culpa, com os serviços desorganizados, com o material circulante transformado em sucata, atamancando aquele tiranete as exigências dum caminho de ferro importante, com marinheiros do «Gil Eanes», com reformados da armada, com meia dúzia de amarelos, com pretos das Maurícias.

Azevedo Coutinho nunca fala verdade; e, para mais, rodeou-se duma quadrilha sem escrúpulos, de tubarões e incompetentes, que, como o patrão, se agarram às postas com despesa.

A comunicação a que acima se faz referência, também dá como aprovada no Conselho Legislativo, uma reorganização dos caminhos de ferro de Inhambane, Quelimane e Moçambique, com a economia de Lbs. 5.000 anuais.

Ridículo e incoerente! Ridículo, porque, estando aqueles caminhos de ferro em principio, uns cercados de tudo e outros apenas com alguns quilómetros construídos e por largas distancias por construir,—só um inexperiente pode vangloriar-se de reorganizar uma coisa que não está feita, e só um incompetente pode tufanar-se de economizar onde, o que é preciso, é gastar.

Incoerente,—porque, tendo-se recusado a submeter à apreciação do Conselho Legislativo a reorganização do C. F. L. M. que deu causa ao conflito ferroviário que estamos em Novembro e que ainda hoje se mantém—ao mesmo conselho levou a reorganização dos caminhos de ferro de Inhambane, Quelimane e Moçambique, assunto de minima importância comparado com o primeiro.

E' para que se veja a incompetência, a arbitrariedade, a incoerência do Alto Comissário de Moçambique.

Onde, porém, Azevedo Coutinho se mostra tal qual é—é no comunicado em que diz ao ministro que «mandou instaurar processo disciplinar ao sr. Solipa Norte, por falsas declarações feitas por este, numa entrevista concedida á Batalha, com manifesto propósito de desprestigiar o Alto Comissário de Moçambique».

E' fantástico! Azevedo Coutinho censura os despachos telegráficos; mete nas prisões os trabalhadores e os que têm a coragem de se manifestar favoráveis aos grevistas; deporta e expulsa, contra a letra expressa da carta orgânica, pessoas inofensivas; suspende os jornais que não consentiram em vender-se-lhe; manda passar ordens de captura contra os jornalistas que o vergastam pelos seus gravissimos erros administrativos; e agora, porque não pode trancar numa cadeia o sr. Solipa Norte, pretende justificar-se perante o ministro, alegando que são falsas as declarações produzidas, altivamente e em face de documentos, por aquele funcionário colonial, em disponibilidade, fora do serviço.

Parece inacreditável! Dirigimo-nos á residência provisória do funcionário visado, fim de recolher as suas impressões; disseram-nos ali que já algumas semanas que o sr. Solipa Norte não para a Beira Baixa, onde tem casa; no entanto, como diante dos olhos dum redactor de A Batalha foram postos documentos inofensivos comprovativos das declarações publicadas, podemos garantir que todas elas são incontestavelmente verdadeiras.

De resto, nem nós as publicariamos, dando-lhes o mais formal assentimento e apoio

—se os grevistas deportados pelo «Nero de Moçambique» e correspondências recebidas de Lourenço Marques, nos não garantissem serem absoluta e rigorosamente exactas.

Mas que quer o «Nero»? Amordaçar tudo e todos? O sr. Solippa Norte falou-nos com tal desassombro, disse-nos ter contado aquilo mesmo a tantos maiores da politica republicana,—que não o teme.

Sem ligações de nenhuma espécie com os ferroviários, colocou-se consciencie e altivamente ao lado da justa causa dos trabalhadores; teve a rara virtude de fazer conhecidos, na Metrópole, as causas e os efeitos do conflito que ainda hoje se desenrola; a ele se deve muita luz lançada sobre a situação de Moçambique; só um tiranete do estofado de Azevedo Coutinho seria capaz de o ameaçar com um processo disciplinar, estando fora do serviço sem ser licenciado, sabido que o antigo inspector da Instrução Primária (consta da entrevista) ao Alto Comissário requereu que «o remetesse ao tribunal acompanhado do processo em que constassem as averiguações que sobre os seus actos se tinham feito e provado».

A esta situação se chegou! Leis e liberdades, tudo foi rasgado, na provincia de Moçambique, pelo Alto Comissário Azevedo Coutinho.

Nem Constituição nem Carta Orgânica. Tábuas rasas sobre garantias e direitos. Desprezo pelos altos interesses da comunidade. Esbanjamentos sem precedentes.

Prisões cheias. Trabalhadores chicoteados e arrastados nus, no vagão-fantasma, sujeitos á fome e aos ardores dum sol de fornalha.

Todas as classes em manifesto e até ruído do divórcio com o Alto Comissário. O comércio sofrendo os horrores duma crise gravissima, muito próximo de encerrar as suas portas, por não poder saldar os seus compromissos. As transferências a 83% (nominal).

A liberdade da imprensa suprimida. Nascimento Ornelas e Carvalho de Almeida, fugidos, para escaparem á ferocidade dos esbirros do governo que têm ordens de captura.

Azevedo Coutinho, no seu passeio á Namacha, fazendo-se seguir de forças policiais e duma metralhadora. As comissões politicas do Partido Democrático, em luta aberta com o Alto Comissário e próximas do rompimento com o próprio Directório, por não terem ainda visto satisfeita a sua exigência de demissão de Azevedo Coutinho.

Tropas de prevenção. Derrocada financeira, económica e administrativa.

A vida social, um inferno... E porque na Metrópole se vem perturbando a digestão de Azevedo Coutinho e dos seus quadrilheiros, ameaça-se com um processo disciplinar um colonial que se não vendeu, que não quiz trocar a justiça duma causa pelo comodismo dum silêncio.

Sicários! O despotismo quer abafar a voz da liberdade. O «Nero de Moçambique», com o apoio duma politica criminoso, pretende que tudo se submeta perante o terrorismo que implantou.

Não conseguirá o seu fim. Não há tiranias a longo prazo.

AS GREVES NO ESTRANGEIRO

Ferroviiários da Córsega

AJACCIO, 10.—Os ferroviários da rede dos caminhos de ferro departamentais da Córsega declararam há dias uma greve de 24 horas. A paralisação foi geral. Duas locomotivas postas sob pressão não puderam partir. Nenhum incidente se registou. Os ferroviários reclamam um aumento de salário de 100 francos mensais, a contar de Janeiro do ano corrente, e ainda novas formas de trabalho. Se for recusada a melhoria que pretendem, os ferroviários farão declarar, muito brevemente, outra greve por 48 horas.—(H.).

Tecelões chineses

XANGAI, 10.—Três mil grevistas duma fabrica de algodão japonesa retomaram o trabalho sem condições. Julga-se que outros operários lhes seguirão a sua attitude.—(H.).

Outras greves em França

BOURGES, 10.—Os operários pedreiros de Mehun-sur-Yèvre declararam-se em greve, reclamando aumento de salário.—(H.).

SAINT-ETIENNE, 10.—Uma parte dos operários duma fabrica de parafulos em Chambon-Feugerolles declararam-se em greve, reclamando aumento de salário.—(H.).

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Avisam-se as famílias dos presos subsidiados pela C. G. T. de que o pagamento de subsídios se efectua na presente semana no próximo sábado, 13.

CRISE DE TRABALHO

Tanoeiros de Lisboa

Para apreciar a crise de trabalho que se está a alastrando e para resolver sobre a forma como alguns operários estão procedendo no que diz respeito á baixa de salários, reúne-se hoje, pelas 19 horas, a classe dos tanoeiros.

Operários da construção civil

Reuniram-se ontem os operários licenciados das obras do Estado, tendo tomado conhecimento da admissão de mais desocupados nas obras públicas e das entrevistas havidas com diversas entidades officias.

CONFERENCIAS

“O Comunismo” pelo dr. Sohral de Campos

Sob este tema realizou-se ante-ontem o dr. Sohral de Campos, na Universidade Popular Portuguesa, a 6.ª conferencia da série das doutrinas politico-sociais contemporâneas, que a mesma Universidade deliberou levar a efeito com o intuito de espalhar entre as classes populares um conhecimento mais preciso e scientifico, e portanto mais esclarecido e justo, acerca das referidas doutrinas.

O conferente, que na terça-feira anterior fizera uma exposição das origens do Comunismo, entrando agora propriamente na explanação e justificação dos principios e táctica do regime politico económico de que é partidário, fez uma demorada análise á sociedade capitalista e ás ultimas tradições do seu sistema, demonstrando que o mundo se encontra quasi completamente sob o domínio da burguesia, cujo poder assenta sobre a propriedade privada e a produção de mercadorias, sendo o seu dominio politico, consubstanciado pelo predomínio politico, consubstanciado no Estado, que põe á disposição do capitalismo a força armada e todos os outros meios coercitivos e de constrangimento fisico, do mesmo passo que por outro lado faz sentir o seu dominio no campo intelectual por meio da instrução, que se encontra inteiramente fechada nas suas mãos.

O conferente mostra que, em consequência desse curso de circunstâncias, a classe operária, assediada economicamente, oprimida politicamente e dominada e envenenada intellectualmente, é escrava assalariada do Capital, e por que constitui a parte mais numerosa e mais fecunda da população, é, dentro da actual organização social, um manancial vivo, inesgotável de lucros e vantagens para a burguesia. Esta, porém, na sua ansia de lucros, foi obrigada a desenvolver, num grau cada vez maior, as forças produtivas e a tornar também mais vasta a sua esfera de acção. Mas ao passo que isto acontecia, os antagonismos do seu sistema manifestam-se de forma aguda e levam-na, pela força inelutável das circunstâncias, á ruína, visto que a divisão da sociedade em dois campos de batalha—o da imensa maioria dos explorados e o da forte minoria dos exploradores—provocou a luta de classes, a guerra social, que enche a historia do capitalismo.

O conferente, depois de afirmar que a propriedade particular gera a desordem da produção social, originando a sua marcha cega, que nenhuma força detem, mostra que essa desordem se exterioriza, por um lado, pela encarnizada luta travada entre as diversas empresas, grupos e sociedades, provocando, com a sua feroz concorrência, um formidável desperdício de forças; por outro pelo antagonismo entre a produção sempre crescente e o consumo limitado das massas da população, donde resultam crises que se repetem periodicamente, acompanhadas duma maior ou menor destruição das forças produtoras e do *chomage*. Esse processo traz consigo, ao mesmo tempo que a centralização do capital nas mãos dum pequeno numero, um acréscimo formidável do proletariado, que vai adquirindo a sua forte tempera na dura experiência do capitalismo e cujas condições de existência fazem dele um inimigo irreconciliável da burguesia. E verifica-se, em face do actual sistema capitalista, que as crises, outrora locais e nacionais, se transformam em crises mundiais; que as guerras se tornam também mundiais; que a luta de classes passa da acção isolada de tais ou tais grupos de trabalhadores a uma luta nacional e em seguida internacional do proletariado contra a burguesia. A exacerbação inevitável das relações entre as classes leva necessariamente, pelo próprio mecanismo da produção capitalista, á poderosa e aguerida organização das massas trabalhadoras, transformando-as em formidáveis instrumentos de luta contra a burguesia e contra a sua principal cidadela: o Estado.

O sistema capitalista trazia no ventre os germes destruidores da própria organização social, pois as suas formas conduzem, através de tudo, ao seu aniquilamento e substituição, operada pelo proletariado insurgido contra a sua escravidão, pela economia sistematizada do socialismo. A queda do capitalismo é, pois, fatal, como o da queda, e cai para dar lugar a uma nova sociedade, a uma nova forma económica e politica, que, segundo o conferente, será o comunismo.

E, dentro deste critério, afirmo que entre o regime comunista e o regime capitalista ou imperialista haverá, por certo, um largo período de lutas do proletariado, de vitórias e de derrotas, um período de guerras nacionais e de insurreições coloniais que não eram propriamente movimentos revolucionários do proletariado, mas que, castrando forças á sociedade capitalista e ao predomínio imperialista, se tornarão partes integrantes da revolução proletária universal e que conduzirão finalmente ao triunfo do comunismo. A diversidade de tipos de capitalismo dum país para outro e a variedade das condições e de processos revolucionários trarão naturalmente a diversidade de tipos novos em construção, o que terá uma característica inevitável deste período de transição. A conquista do poder pelo proletariado é, na opinião do conferente, o complemento lógico do desenvolvimento das formas económicas socialistas assegurando o desenvolvimento intelectual do proletariado, refundindo a sua própria natureza, tornando-o capaz de guiar a sociedade em todos os seus dominios, reduzindo todas as classes e preparando mesmo no futuro o desaparecimento das próprias classes. Assim, duma maneira geral, este período de transição será assinalado pelo nascimento e crescimento de formas económicas socialistas e pelo desenvolvimento intelectual do proletariado e dos trabalhadores em geral. E só depois da realização necessária e fatal destas tarefas historicas a sociedade se transformará em sociedade comunista.

O conferente tem a opinião de que o exemplo da Rússia é decisivo e sustenta que a ditadura do proletariado é indispensável na fase de transformação social, sem o que não vê possibilidade de assegurar-se a obra da revolução e de combater com efficácia as forças anti-revolucionárias. E' sobretudo no que respeita ao principio da ditadura do proletariado que se manifesta entre os avançados certo desacôrdo, mas como em breve terá o prazer de assistir á exposição de Campos Lima, espera que este demonstre como conseguirá formar-se

a obra da revolução sem que, uma vez efectuada esta, se estabeleça a ditadura do proletariado ou outra força organizada que, embora com nome diverso, realize o mesmo papel.

O conferente, que falou por espaço de 45 minutos, sendo escutado, como os que o precederam, com a máxima atenção, recebeu no final uma salva de palmas.

“Valor moral da Sciência”

SETUBAL, 5.—O médico dr. sr. Simões Raposo realizou na secção da Universidade Popular Portuguesa, instalada na Associação dos Trabalhadores do Mar desta cidade, a sua annunciada conferencia sob o tema “Valor moral da Sciência”.

O illustre conferente, desenvolvendo um bem orientada critica ao ensino actualmente ministrado nas escolas, fez um paralelo entre esse ensino e o ministrado em Inglaterra, salientando as vantagens do segundo. O ensino—disse o conferente—deve ser scientifico, as tendências dos alunos estimuladas e aproveitadas, quando boas, e combatidas quando más. Em seguida sustentou que a sociedade tem o dever de ocorrer a todas as despesas com a educação dos rapazes, pagando-lhes mesmo o salário que ganhariam se estivessem na officina, visto que ela é a beneficiada com isso, citando como exemplo o que se passa na Alemanha.

Falando depois sobre a educação na familia, criticou a forma como muitos pais correspondem ás curiosas perguntas dos filhos, não satisfazendo a sua natural curiosidade e chegando até muitas vezes a enganar-lhes, o que é condenável.

Passou em seguida a analisar a competência dos chamados sábios, para deduzir que não devemos acreditar á primeira vista no que eles nos dizem, pois são tão susceptíveis de se enganar como todos os mortais. Necessitamos—disse—ser um pouco criticos, mas criticos dentro da razão. Para isso torna-se necessário habituarmos-nos a pensar, a concentrar a nossa atenção. Com o poder de atenção muitas coisas se conseguem. Uma grande parte dos inventos á attenção se devem, como por exemplo o invento do iodo, do vapor, dos raios X, etc., descrevendo o modo como estes inventos se fizeram. Todos podem inventar; não é necessário ser-se sábio para isso. E' também bom pensamento que se evita aquilo a que nós chamamos temeridade, que tantos prejuizos causa, e explica o que entende por temeridade e por coragem, e exemplificando com D. Sebastião, que na batalha de Alcácer Quibir, causou a morte á milhares de pessoas, arrojando-se para o perigo, perdendo assim a batalha, quando tinha probabilidades de a ganhar, e com Carvalho Araújo, que se deixou morrer para salvar as vidas que lhe haviam sido confiadas. O primeiro caso, diz, é temeridade, o segundo coragem.

Depois de outras considerações, passa a criticar o sentimentalismo demasiado. Devemos ser sentimentalistas, mas sentimentalistas dentro da razão. Que devemos fazer quando na rua encontramos por exemplo uma pessoa ferida que necessita de socorros? Parar de frente dela a lastimar a sua sorte; mostrarmos muito condão ao tratar imediatamente de a socorrer? No primeiro caso está o sentimentalismo demasiado; no segundo, o sentimentalismo racional.

Alonga-se sobre este assunto, para concluir que depois do que expôs todos poderão reconhecer o valor moral da Sciência. Ao terminar a sua interessante conferencia foi muito aplaudido.

«Goethe»

O académico Vitor Jaime Marques de Castro realizou amanhã, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, uma conferencia sobre o tema «Goethe», que será seguida de sessão cinematográfica educativa.

«A organização scientifica do trabalho»

A Universidade Popular Portuguesa, instituição digna da nossa simpatia e admiração pela sua persistente e desajudada obra educativa, promoveu ontem, na nossa sede, uma conferencia sob o tema «Organização scientifica do trabalho». Foi conferente o dr. sr. João Camoosa que tratou da «aplicação do taylorismo á construção de paredes de tijolo», e sendo a exposição acompanhada de projecções luminosas.

Disse que o taylorismo é um sistema de intensificação da produção para se utilizar á mecanização das actividades humanas de forma a obter-se o rendimento máximo. A disposição dos materiais, sua marcha, forma de ferramentas, posição e movimento de trabalhadores, tudo é precisamente estudado com o sentido de se obter uma acção pormenorizada e completa.

O salário é proporcional á tarefa fixada, applicando-se um tal sistema ás mais variadas actividades, incluindo a construção de paredes. Nesta construção começa-se por analisar o trabalho dos operários superiores, seguindo-se geralmente: denominação dos processos usados, movimentos utilizados e suas variações, determinação dos melhores processos, etc.

Para se fazer ideia da complexidade dos problemas basta saber-se que o estudo das variações compreende três grupos: os que se referem ao trabalhador, ao meio e aos movimentos.

Acêrca das disposições de materiais diz: os andames são construídos de forma a permitir os livres movimentos dos trabalhadores. Os tijolos são colocados em tabuleiros em posição mais própria a serem facilmente apanhados e a facilitarem deslocações. A argamassa dispõe-se em caixas ao lado do que empunha a colher e a uma altura e distancia que evitem deslocamento e inclinações.

O operário não tem que se preocupar da posição a tomar e o abastecimento de materiais é assegurado por ajudantes que só disso tratam, mantendo-os á medida das necessidades. As ferramentas são adoptadas ao sistema de operários consecutivos.

Os homens são seleccionados conforme as suas aptidões fisicas, de maneira a que as turnas sejam compostas por individuos cuja capacidade de produção se aproxime. Procura-se conservar direito o trabalhador, durante a acção, sem se forçá-lo a curvaturas que provoquem fadigas. Todos os movimentos inúteis se eliminam e aperfeiçoam-se os necessários, adaptando-os quanto possível ao trabalho que se pretende realizar.

Todos os factores psicologicos são apro-

C. S. T. DE LISBOA

Movimento de protesto anti-fascista

Continua a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa empenhada em desenvolver a máxima propaganda contra a pretensão dos conservadores, em estabelecer o fascismo em Portugal.

Hoje, pelas 21 horas, effectua-se no Salão de Festas da Construção Civil uma sessão de propaganda anti-fascista, devendo fazer uso da palavra vários militantes da Organização Operária.

O proletariado deve acorrer a esta sessão visto tratar-se da defesa das liberdades publicas.

A crise de habitação

Vai realizar-se uma grande reunião para tratar o magno problema

Uma comissão delegada da Associação dos Construtores Proprietários conferenciará ontem com o secretário geral do Sindicato da Construção Civil de Lisboa a fim de tratar da crise de trabalho e da crise de habitação.

Pelo representante do Sindicato da Construção Civil foi respondido áquella comissão que sendo o assunto tão caro ao proletariado da industria, ele seria devidamente compreendido pelo organismo sindical da construção civil.

Então, os comissionados da Associação dos Construtores Proprietários entregaram áquella camarada o seguinte officio:

... Sr. presidente.—A actual crise da construção civil, agravando cada vez mais a da habitação, é hoje um facto social e económico bem conhecido, que não poderá prolongar-se por muito mais tempo sem ocasionar prejuizos graves e irreparáveis em todas as classes que directa ou indirectamente labutam ou têm interesses na referida construção. Já não é só a legião numerosa dos operários sem trabalho pedindo providências e lutando com a miséria; são, também, agora os dirigentes, mestres de obras, construtores civis, desenhadores, arquitectos, engenheiros, etc., todos sem terem fazer, officinas e fabricas fechadas ou em liquidação, comércio parado, etc.

Havendo capital com fartura, visto que aparece aos milhares de contos para cousas de não primeira necessidade, estando todo o operariado, tanto intelectual como manual, da construção civil, sem trabalho, e sendo a crise da habitação uma realidade indiscutível e a casa uma necessidade insuperável, qual a razão porque não se constroem casas?

Sentindo estes factos, a Associação dos Construtores Proprietários desejando contribuir dentro das suas posses para debelar esta grave crise, teve o gesto louvável e altruista de convocar uma reunião na sua sede para a qual convocou elementos não associados mas com interesses na construção civil, onde foi largamente discutida a crise, sendo, por fim, nomeada a comissão signatária, á qual foram conferidos plenos poderes para estudar o assunto.

Esta comissão, depois de várias reuniões, chegou á conclusão de que a actual reabilitação da construção civil não poderá ser obra de uma só classe, devendo o assunto, pela sua grande importância, ser estudado e tratado em conjunto por todas as classes nele interessadas.

Para este effeito a comissão signatária tem a honra de convidar a vossa associação a nomear três delegados a uma grande comissão que deverá ter a sua primeira reunião em 21 do corrente, pelas 14 horas, no salão da Associação Commercial de Lojistas de Lisboa, obsequiosamente cedido para tal fim. Para a mesma reunião foram convidadas todas as classes interessadas na construção civil.

No próprio interesse da colectividade a que v. tão dignamente preside, pedimos o favor de não recusar a vossa valiosa colaboração.— José dos Santos, Torcato Pardo Monteiro, José dos Santos Beço, Clemente Vicente, Crispim Nunes, Alberto de Sá Correia, Bernardino Lopes, Francisco Henrique de Oliveira, Joaquim Francisco Tojal.

De harmonia com o disposto nesta circular vai realizar-se uma assembleia no Sindicato da Construção Civil para nomear delegados a essa magna reunião, que terá lugar no dia 21 do corrente.

Câmara Municipal de Olhão

Do presidente da comissão executiva desta Câmara, sr. João Carlos Mendonça, recebemos uma carta em que refuta umas afirmações neste jornal produzidas sob a responsabilidade de Saul de Sousa. Por dever de correcção e lealdade, acolhemos o desmentido que se pretende fazer, publicando os pontos principais da mencionada carta:

«A Câmara, ao iniciar a sua cantina, fê-lo para beneficiar a quem da mesma se quizesse servir, votando em sessão, um crédito de 12.000 escudos para fazer face ao deficit que a cantina deveria causar, porque uma sopa completa, preparada com todos os géneros de melhor qualidade e pão, não poderia ser paga com 20 e 40 centavos. Estas sopas divergem unicamente na quantidade de pão: O pão é comprado a 1390 e cada ração custa á Câmara 213 do seu valor. Ficando apenas 113 a cargo do necessitado».

Em conclusão: aumento de rendimento de 12 para 350 tijolos, o que vem a ser uma triplicação de salários. Aperfeiçoamento de ferramentas e esforço profissional.

A exposição foi atentamente escutada pelos inumeros operários que enchiam a sala. As conferencias sob este tema vão prosseguir.

Vida Sindical

C. S. T.

A Comissão Instaladora, para assunto urgente, convida as direcções dos Sindicatos adherentes ou não, a comparecerem amanhã sexta-feira na sede da Câmara pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Pintores da Construção Naval.—Reuniram-se em assembleia geral, sendo nomeada a comissão de melhoramentos que ficou composta por Jacinto Schiapa, Fernando Leal e Manuel Martins. Tratou-se do caso do sócio Luís de Araújo.

Ferroviiários do Estado.—A comissão de melhoramentos dos ferroviários do Estado, composta por delegados da União Ferroviária, Minho e Douro e Sul e Sueste, avistou-se com o presidente do ministério a quem expôs a precária situação da classe. Aquella entidade respondeu que trataria o assunto com o ministro do Comércio. A referida comissão tenciona avistar-se hoje com este ministro, a fim de conhecer os resultados obtidos com a apreciação do relatório do administrador geral dos caminhos de ferro do Estado, especialmente na parte que se refere ao pagamento dos bilhetes de identidade.

Manipuladores de pão.—Reuniram-se a comissão organizadora da Federação do Ramo de Alimentação Pública resolvendo enviar circulares a todos os organismos que compõem o mesmo ramo, esperando-se que os mesmos os apreciem com urgência a fim de não empatar os trabalhos do Congresso.

União Têxtil.—Reuniu a direcção tratando de assuntos de carácter administrativo. Apreciou a situação do sindicato junto da Câmara Sindical do Trabalho em virtude da falta de delegados á mesma, resolvendo officiar-lhe, notificando-lhe as resoluções tomadas.

S. U. da Construção Civil.—Secção dos canteiros e polidores de mármore.—Reuniram-se em assembleia geral tendo apreciado a crise de trabalho existente e a maneira como são distribuídos os trabalhos aos canteiros no manicómio Miguel Bombarda, ficando nomeada uma comissão para se entender com o sr. Gaia. Apreciou-se largamente a situação dum componente da classe que trabalhava nas obras das Encomendas Postais, sendo nomeada uma comissão para se entender com a comissão administrativa do Conselho Técnico para tratar do caso, sem quebra de dignidade para as duas partes litigantes. Apreciou-se ainda a conferencia dos canteiros e resolveu aceitar o pedido de demissão do 1.º secretário da comissão administrativa da secção, devido á sua falta de saúde, tendo nomeado João Francisco Batata para o substituir nesse cargo.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE: Federação Ferroviária.—Pelas 19 horas, a comissão executiva, devendo comparecer todos os seus componentes.

A's 20,30 horas deverão comparecer todos os deportados de Lourenço Marques.

Federação da Industria de Transportes Marítimos e Fluviais.—Pelas 20 horas; o Conselho Geral, para assunto que require a comparencia de todos os delegados.

Profissionais Culinários.—A assembleia geral, pelas 20 horas, para eleger os corpos gerentes.

Federação do Calçado, Couros e Peles.—Conselho Federal.—Pelas 21 horas, para tratar de assuntos urgentes.

Federação Mobilíaria.—A's 20,30 horas, para continuação dos trabalhos.

Federação do Livro, Jornal e Similares.—O secretariado ás 21 horas.

Sindicato do Mobilíario.—A assembleia geral, ás 20 e meia horas, para preenchimento de cargos vacantes e apreciar-se o funcionamento das comissões.

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante.—A assembleia geral extraordinária, pelas 20 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos: Apreciar as demarchas junto de algumas Companhias.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Liga das Artes da Viação Portuense.—Reuniram em assembleia geral, tendo aprovado o relatório do delegado ao congresso de Santarém. Foi aprovada por unanimidade uma moção expulsando de sócios Alberto Brandão e o condutor da Carris n.º 62, por terem praticado actos incorrecctissimos e indignos, abusando da benevolência da sua classe e prejudicando a propostamente de maneira a merecerem a classificação de traidores.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Comissão Organizadora do II Congresso.—Reúne-se amanhã, pelas 20,30 horas.

Núcleo de Lisboa.—Reúne-se amanhã pelas 21 horas, a assembleia geral, para prosseguimento dos trabalhos.

Uma carta

Manuel Cambra Júnior, manufactor de lanifícios de Arrentela, numa carta que nos enviou pede-nos para que tornemos publico não ser elle o autor da correspondência daquelle localidade publicada no nosso numero de 5 do corrente sob a epigrafe «O que vai pela Fabrica de Lanifícios».

Em homenagem á verdade devemos declarar que, de facto, o autor da citada correspondência não é Manuel Cambra Júnior.

Prédio que ameaça derruir

Segundo nos refere um assíduo leitor, o prédio n.º 84 da rua da Cruz da Queirra ameaça derruir e arrastar na sua queda os pobres inquilinos que têm a infelicidade de nelle morar.

Se não forem tomadas providências assevera o nosso reclamante que dentro de breves dias teremos que registar nova tragédia, cujas consequências ninguém pode prever.

A Câmara Municipal, que só depois de tropeçar se lembra de Santa Bárbara, não seria de mais exigir-lhe que olhasse para este caso antes que elle tomasse maiores proporções.